

PODCAST
**TERRITÓRIO
VIVO** UM PAPO RETO COM QUEM
CONECTA A ARTE E O CORRE



Episódio 02 - Caxias Corre

<<<<< sons de trem em movimento >>>>>

<<<< voz anuncia "próxima estação: duque de caxias" >>>>>

Samara Costa: No episódio anterior, ouvimos Duque de Caxias falar de si a partir de encontros da arte. Sobre a história, território e memória de um dos municípios mais populosos da Baixada Fluminense. E dessa vez a pergunta é outra. Como é seguir criando arte por lá? Até porque o corre não é só ir e vir do Centro da Cidade. É sustentar a arte e sonhar em meio as curvas da baixada. Eu sou Samara Costa e esse o Território Vivo, um podcast Firjan Sesi. E você, vem com a gente nesse corre?

Pra início de conversa, o corre aqui não aparece somente no palco. Ele acontece no trajeto, sobretudo na insistência de fazer a arte girar por aqui.

E gente que acorda cedo pra fazer a vida funcionar. Lá, o dia começa antes do sol nascer. É trem cheio, ônibus lotado, jornada longa pro centro da Cidade.

<<<<< som de rua movimentada >>>>>

<<<<< som de buzinas e trânsito >>>>>

Enquanto uma grande parte se desloca em direção ao Centro e Zona Sul para trabalhar, uma outra permanece no território. A roda também gira por lá!

Hoje, além de referência artística e cultural, o município tem o maior polo industrial do estado do Rio de Janeiro. E não podemos esquecer do empreendedorismo e comércio local que movimentam cada vez mais. O Calçadão de Caxias que o diga!

<<<<< som de comércio local do calçadão de caxias >>>>>

<<<<< som de vendedor anunciando produto >>>>>

Mas lá, por volta dos anos 60, Caxias era conhecida como cidade dormitório. Esse termo é usado para definir a dinâmica de trabalhadores que iam para o Rio de Janeiro. Eles migravam diariamente para a cidade em busca de emprego.

Entre eles, homens e mulheres, nordestinos e nortistas, que migravam para o Rio em busca de trabalho. De uma vida possível.

Cesário Candhi: Meu nome é Cesario Cândido da Silva. Eu tenho 1,60m de altura, devo estar



em torno de 96 para 98 quilos, tenho cabelos pretos, sou nordestino, tenho um rosto redondo. O meu cabelo é curto e está ficando um pouco grisalho pelos meus 59 anos.

Samara Costa: Essa voz que vocês ouviram é do Cesário. Ele é de Mari, uma cidade no interior da Paraíba, e veio para o Rio de Janeiro com o pai, mãe e irmã, ainda jovem, com 13 anos.

Quando encontrei Cesário, ele estava sentado na ponta de uma das fileiras do teatro Firjan Sesi Caxias, um lugar que é referência artística e cultural da região. Entre as poltronas vermelhas, a figura dele se destacava. Um homem de estatura baixa que segura com muito cuidado uma espécie de escultura feita de argila fria, ou biscuit, como se costuma chamar. Chego mais perto e pergunto o que é.

Cesário Candhi: "Esse aqui é o grande personagem, o meu grande personagem, o Simão. É esse Simão aqui que me deu, ou que, de alguma forma, me foi agraciado quatro prêmios de melhor ator em festivais pelo Brasil.

Samara Costa: Cesário é ator, dramaturgo e uma referência viva do teatro em Duque de Caxias. Mas o encontro dele com a arte não começou como escolha não. Começou como esbarrão. Ele passou a fazer teatro antes mesmo de saber o que era teatro.

<<<<< som de badalar de sino de igreja >>>>>

Criado em uma família bem religiosa, especialmente pela presença da mãe, desde muito cedo frequentava a igreja católica. Foi ali, nas tão esperadas encenações da Paixão de Cristo, que retratam a crucificação e a morte de Jesus, que Cesário subiu ao palco pela primeira vez. Depois veio a segunda, terceira, vigésima... E assim, ele não para até hoje.

A Paixão de Cristo pode ter sido sua primeira peça. Mas mesmo com o Bumba meu Boi e Folia de Reis a sua lembrança artística mais profunda é da Queimação de Flores que encerra o mês de maio.

Cesário Candhi: Que aí eram aquelas casas distantes durante o mês de maio. As pessoas faziam as novenas naquelas casas e cada um enfeitava muito a sua casa com as flores que tinham no quintal. Ou no terreiro, como a gente chama lá, que é aquele espaço que tem na frente da terra. E aí, aquilo ficava secando para no final do mês... Isso aconteceu uma vez na minha casa. Fizeram uma fogueira no meio do terreiro.

<<<<< som de fagulhas de fogo >>>>>

<<<<< áudio de mulheres mais velhas cantando em coro >>>>>

Cesário Candhi: E aquelas mulheres amarraram um lençol branco na cintura, botaram aquelas folhas secas e elas ficavam rodando nessa fogueira cantando cânticos religiosos. E jogando aquelas flores secas naquela fogueira. Fiquei até arrepiado falando isso. Então eu tenho essa imagem muito na minha

Samara Costa: E ali, num cenário de palavras e música, que o menino Cesário se encantou pelo som do que viria a se tornar sua maior referência artística. Foi dentro de casa, sob a luz da lua, que a literatura o atravessou. O menino descobriu o cordel.

<<<<< som de grupo de forró >>>>>



Cesário Candhi: Minha irmã é mais velha, três anos a mais do que eu. Minha irmã era a única criança que sabia ler naquela redondeza. E minha irmã lia cordel de uma maneira muito diferente. E o que os moradores faziam? Eles iam a Feira de Sapé, que era cerca de duas horas e meia de onde a gente morava, aos sábados, comprava cordel, que lá a gente chama de folheto, e à noite meu pai forrava uma lona no terreiro de casa. Aqueles moradores viam, traziam esses cordéis. Minha irmã, com luz de candeeiro, ficava lendo aqueles cordéis. E aí ficavam aquelas pessoas, homens adultos, mulheres e crianças, sentados, deitados naquela lona, na luz da lua. Porque lá não tinha energia elétrica, e minha irmã ficava lendo esses cordéis que eles compravam.

Samara Costa: Se você não sabe, cordel é um gênero literário popular composto por poemas rimados e metrificados, impressos em folhetos vendidos em feiras, pendurados em cordas. Daí o nome "cordel".

Aos 13 anos, já em Duque de Caxias, um professor disse que iria dar aulas de teatro. Até então ele não sabia o que era, mas se inscreveu. Foram 32 pessoas inscritas. No final de um mês, todos já tinham saído, só restou quem? Cesário!

Ele não parou. Entrou em um coletivo de teatro com o desejo de escrever peças, mas foi incentivado a experimentar a encenação. Em grupos de teatros independentes os integrantes fazem tudo.

Cesário Candhi: E aí foi ali que eu comecei trabalhando como ator, me experimentando. Foi nesse grupo que o meu primeiro monólogo, de uma página, foi apresentado em igrejas. Que na época a gente não tinha acesso ao teatro. Isso é 85, era uma outra realidade. E aí a partir daí eu fui conhecendo outras pessoas. Conhecendo uma figura aqui na cidade muito significativa há muitos anos atrás chamada Carlos Muttalla que era um bailarino...

Samara Costa: Carlos Muttalla foi um artista com presença marcante na Arte e Cultura de Caxias. Bailarino, coreógrafo, ator, produtor, um sujeito descrito com um talento incrível. Faleceu em 2021, nasceu no Maranhão e chegou em Caxias na adolescência, assim como Cesário. Fez um corre danado pra manter a cultura e arte movimentar em Caxias.

A luta por um espaço adequado para as produções cênicas em Duque de Caxias não é recente. Ela começa lá atrás, nos anos 60. Naquele período, artistas, políticos, intelectuais e a própria imprensa já cobravam das autoridades a construção de um teatro no município. O pedido era simples: um espaço onde a arte pudesse existir e o público tivesse acesso ao lazer.

Mas, apesar do clamor popular, o teatro foi sendo adiado. Ano após ano, a promessa ficava pelo caminho. E a cidade seguia sem um espaço próprio para as artes cênicas. O descontentamento ganhava forma nas páginas do Jornal Grupo, em colunas assinadas por jornalistas e colaboradores que entendiam a cultura como direito.

O Jornal O grupo surgiu com o objetivo de aproximar a população de Duque de Caxias das decisões políticas e dos acontecimentos cotidianos da cidade.

Sem um teatro, os artistas fizeram o que sempre fizeram em Caxias: improvisaram. Os espetáculos passaram a acontecer onde fosse possível. Clubes recreativos, associações, salões emprestados. Depois, as igrejas, os cinemas e auditórios improvisados.

Esses empecilhos e o panorama público refletiram na vida de Cesário durante sua trajetória artística.



Mas, mesmo na insegurança, Cesário contou com ajuda de um caxiense chamado Edielio Mendonça.

Cesário Candhi: E foi através do Edielio que foi a pessoa além da minha família que mais me deu força para eu fazer teatro. Se eu estou aqui hoje eu agradeço muito a ele porque ele dava aula de teatro no Procopio Ferreira e todo final de curso ele me chamava para participar da montagem com os alunos. Era uma maneira de se aproximar de que eu ficasse exercitando aquilo.

Samara Costa: Para sustentar seu sonho e vocação em ser ator, Cesário colocou a mão na massa, literalmente.

Cesário Candhi: Como todo nordestino chegando aqui no Rio de Janeiro, eu acabei trabalhando como peão de obra. E aí, eu não tinha dinheiro. Aí ele falava assim "não, eu vou pagar para você ir." Ele ficava assim "Zé, estuda, se forma." Foi aí que a minha vida começou a deslanchar, através desse cara que me deu muita força, o tempo inteiro.

Samara Costa: E ele conseguiu! Além da família, foi a formação que abriu caminho. No início dos anos 90, a universidade ainda era algo distante da realidade de Cesário. O possível acesso veio pelo outro lugar: um curso técnico de formação de atores, feito no Retiro dos Artistas, em Jacarepaguá.

Entre 1990 e 1992, a rotina era puxadíssima. De segunda a sábado, ele saía de Duque de Caxias cedo, trabalhava das sete da manhã às cinco da tarde e, sem ir pra casa, seguia direto para Jacarepaguá para estudar teatro. Um deslocamento diário que misturava cansaço e desejo. Obra de um lado, palco do outro e o corre sempre vivo.

Cesário Candhi: E aí, depois que eu me formei à toa, a vida se abriu, o mundo se abriu. Porque eu saí da obra, entrei no Estado, fui dar aula de teatro como animador cultural no Estado. Entrei na companhia de teatro profissional do Edielio Mendonça, que é o cara que sempre me deu força, fiquei 10 anos. Em 97, fundei a Companhia de Arte Popular, que é a companhia que esse ano a gente completa 28 anos de existência. E a gente está aí fazendo arte desde então, na cidade, na Baixada, no Rio de Janeiro, no Brasil.

<<<< som de campanha de teatro >>>>

Samara Costa: Depois de décadas lutando por espaço, Duque de Caxias hoje vive outro momento. A cidade passou a abrigar festivais, mostras, encontros de teatro, dança, cinema e música. A cultura segue enfrentando desafios, mas isso não acontece na urgência. Hoje, ela também ocupa programações, calendários e temporadas. Caxias é referência! Pra que isso exista, o corre não é só de quem cria. É também de quem organiza, articula, sustenta.

Gabriel Mazotte: Seu nome é... Gabriel Mazotte. Eu sou um homem pardo, com 49 anos, de pele parda. Já estou ficando grisalho, uso óculos, estou usando óculos de armação transparente. Uma camisa social, uma camisa meio social, um esporte fino, jeans, uma calça jeans mais clara, um tênis bege...

Samara Costa: Gabriel é gestor do Teatro Firjan Sesi Caxias, um dos polos de arte e cultura que mais movimentam o cenário artístico e cultural do município.

Gabriel Mazotte: É um teatro que atende o público externo, atende a classe artística da Baixada



Fluminense como um todo. Aqui em Caxias a gente só tem dois teatros funcionando, então aqui a gente tem uma demanda muito grande muito grande pelos artistas de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Baixada Fluminense como um todo.

Samara Costa: Um dos grandes cuidados de Gabriel como gestor é garantir que o espaço receba todas as manifestações culturais possíveis. Desde a música clássica ao samba, do teatro à dança, do circo à música. Mas Gabriel foi pego de surpresa ao descobrir que Caxias tem muita gente pensando e fazendo cinema.

Gabriel Mazotte: Eu tenho muitas conversas com fazedores de cultura aqui, muitas ONGs. A gente tem algumas instituições aqui, bem presentes aqui em Caxias, que é o Galpão Gomeia, que é a Lira de Ouro, que trabalha nesse segmento do audiovisual. E converso muito, tenho uma interlocução muito próxima com o pessoal da Secretaria de Cultura. E a gente percebe, eu venho percebendo, que aqui em Caxias a gente tem um lugar muito presente no audiovisual, fazedores de cinema, curtas metragens, longas e assim por diante.

Samara Costa: Ao longo dos anos, ficou evidente que o público de Caxias responde quando a cultura acontece. O teatro formou uma plateia fiel. E a música, um público ainda mais presente. Não é exceção: os shows costumam lotar o Teatro.

Gabriel Mazotte: Só o que o que a gente percebe, o que eu venho percebendo ao longo desses anos, é que o teatro tem um público cativo e um público muito presente na música. Então, em todos os nossos shows, a gente tem praticamente todas as casas lotadas.

Samara Costa: MPB, samba, rock, forró e até música clássica. Inclusive o Teatro Firjan/Sesi Caxias tem um projeto chamado Clássicos do Sesi, que recebe recital de música clássica.

Gabriel Mazotte: Mas a gente começou esse projeto, era meio-dia, era no horário do almoço, com duas pessoas na plateia, assistindo esse recital de música clássica. E a gente já chegou a ter nessa plateia, numa terça-feira, às seis e meia da tarde, 160 pessoas. Então esse projeto é um projeto que me deixa muito feliz e eu vou continuar com esse projeto dentro daquilo que eu entendo como um equipamento cultural que tem que servir a todos os públicos.

Samara Costa: É... Quem diria que um recital de Mozart fosse encher uma platéia em Duque de Caxias. O teatro que durante décadas foi uma ausência, hoje recebe concertos, peças, festivais. E vê artistas da Baixada ocupando o palco com casa cheia. E muitos nomes do território já passaram por ali. Entre eles, o Cesário

Cesário Candhi: Desde os últimos 10 anos, todos os espetáculos a gente estreou aqui. A gente é super bem recebido, a gente tem uma relação muito boa com o Sesi, com o Sesi Firjan. É um teatro que te dá a possibilidade de fazer uma luz boa, tem um som bom. Então a gente consegue sempre lotar isso aqui quando faz e é maravilhoso. Então, a relação com o Sesi sempre foi assim. O primeiro edital que a gente ganha, que foi contemplado na companhia, foi o festival do Fijan Sesi, em 2019.

Samara Costa: Cesário descobriu o teatro sem saber o nome daquilo que fazia. Trabalhou como pedreiro para pagar a faculdade. Transformou um presente da mãe em cena, e a cena em permanência. O corre não é só criar. É ficar. E ficar também é ser acolhido.



Cesário Candhi: E eu acho que no decorrer desses 44 anos que eu moro aqui, aqui, a cidade foi me acolhendo e me recebendo, me acalentando, que eu não tenho a menor vontade de sair dessa cidade, continuar fazendo, exercendo o meu ofício por aqui.

Samara Costa: Caxias acolheu Cesário. Acolheu Gabriel. Acolheu Mutalla. Acolheu a gente da equipe também, e tantos outros. Uma cidade que vibra vida e alegria.

Cesário Candhi: Que eu acho que só tem em Caxias, porque é um lugar que eu vou de vez em quando para ver. Eu vou no Forró Bodó, que é um estacionamento durante a semana que vira um espaço cultural com forró aos domingos e com barracas de comidas típicas. E as pessoas vão para lá para dançar. E são tão autênticas, né? Que eu vou para lá para ficar olhando as pessoas dançarem. Aquela alegria tão de cada um. Ninguém está preocupado se está com a roupa de grife. Ninguém está preocupado se tem os dentes mais brancos. Ninguém está preocupado se o cabelo foi feito no salão tal. As pessoas vão para lá para dançar e sorrirem, serem felizes. É uma catarse aquele momento. É uma coisa tão autêntica que eu queria até, em algum momento da minha vida, escrever um roteiro.

Samara Costa: Talvez partes desse roteiro já estão escritos. No corpo que dança. Na lugar que não para. Nas pessoas que acolhem e em quem escolheu ficar. Quando não havia palco, qualquer chão virava cena. A arte não parou. Ela aprendeu a ocupar.

Essa trajetória nos ajuda a entender porque, em Duque de Caxias, fazer arte nunca foi só sobre palco. Sempre foi sobre insistência. Sobre transformar qualquer espaço em possibilidade. Sobre seguir criando, quando tudo ao redor dizia para parar. Caxias, muito obrigada!

Samara Costa: E esse foi mais um corre contado a partir de Duque de Caxias. Se você quiser acompanhar os bastidores, ver de perto o trabalho e conhecer melhor o Cesário e o Gabriel, é só seguir a gente no Instagram @firjansesicultura. Por lá, a conversa continua fora do palco, fora do estúdio, no dia a dia de quem faz. A gente se encontra no próximo episódio. Dessa vez em outro lugar. Tchau!

Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e arte da Firjan Sesi. A realização é da Firjan Sesi e a produção é da Gandaia.